

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju

<http://biblio.etnolinguistica.org>

Guérios, Rosário F. Mansur. 1939. O nexu lingüístico Bororo/Merrime-Caiapó (contribuição para a unidade genética das línguas americanas). *Revista do Círculo de Estudos "Bandeirantes"*, 2.61-74. Curitiba.

Permalink: http://biblio.etnolinguistica.org/guerios_1939_nexo.pdf

O material contido neste arquivo foi digitalizado e disponibilizado online com o objetivo de tornar acessível uma obra de difícil acesso e de edição esgotada, não podendo ser modificado ou usado para fins comerciais. Seu único propósito é o uso acadêmico individual.

Possíveis dúvidas ou objeções quanto ao uso e distribuição deste material podem ser dirigidas aos responsáveis pela Biblioteca Curt Nimuendaju, no seguinte endereço:

<http://biblio.etnolinguistica.org/contato>

Digitalizado em 10/fev/2007, pela equipe da Biblioteca Curt Nimuendaju

Segundo o que ensina Santo Tomás, somos instados a aceitar a forma política como secundária. O essencial é a fidelidade do comando político ao bem comum, tornando-se assim evidente a existência de bons e máus governos, sob todas as formas. Santo Tomás com a sua esplêndida visão sociológica, exprimiu suas preferências por formas determinadas e defendeu-as vigorosamente.

Estabeleceu porém, para todas as épocas, quaisquer que sejam as suas tendências próprias, a fidelidade ao bem comum, como elemento permanente, constante, presente em todos os tempos. Mas o bem comum, fim da sociedade civil, integrado na sua aceção realista, de fim humano, e portanto moral.

Si dermos à democracia, o sentido legítimo, condicionando a vontade popular a um fim superior, não vejo, dentro dos princípios éticos e respeitadas as condições peculiares dos grupos sociais, não vejo como combatê-la.

Mas si a democracia exprimir a instabilidade extrema, tendo a massa a prerrogativa de descobrir a verdade, então não vejo, dentro desses princípios, como defendê-la.



O NEXO LINGÜÍSTICO BORORO — MERRIME-GAIAPO, (CONTRIBUIÇÃO PARA A UNIDADE GENÉTICA DAS LÍNGUAS AMERICANAS.)

ROSÁRIO FARANI MANSUR GUÉRIOS — Pro-
fessor de Português no Ginásio Paranaense e membro
do Círculo de Estudos "Bandeirantes" de Curitiba.

(A primeira parte deste trabalho foi apresentada
ao 2.º Congresso das Academias de Letras e de In-
lectuais, realizado no Rio de Janeiro em junho de
1939).

Quando no estudo de duas ou mais línguas se depara uma
serie de correspondências fonéticas, morfológicas e sintáticas,
essas línguas são aparentadas, ou em linha reta, ou em linha
colateral. Em ambos os casos o parentesco é de 1.º, 2.º ou
mais graus, conforme a qualidade e a quantidade dos elemen-
tos que se comparam.

A comparação mais rudimentar ou simples é a que se faz
entre vocábulos em que se dá conta apenas da raiz ou radi-
cal: Latim *flo-s* = alemão *blu-me*; tupi *oru-kur-ia*, "coruja" =
mandurucú kur-ó, idem; caxinauá *hiki*, "chegar" = nambiquara
ia-iki-ní, idem.

A comparação é perfeita quando satisfaz não só o requi-
sito anterior, porém dá conta igualmente dos outros elementos
constitutivos do vocábulo (afixos, etc.): Sânscrito *ás-ti* =
grego *es-ti* = latim *es-t* = gótico *is-t* = antigo eslavo *jes-fu*,
"éle é"; grego *phyllo-n*, "fôlha" = lat. *foliu-m* = sânscr.
phalya-m, "flor"; tupi *poty-ra*, "flor" = bororo *buti-re*, "ger-
minar, nascer a planta"; em cotejo com o parecí *i-viti*, "flor".

Destas, a 2.ª comparação é a melhor porque é de quali-
dade. O ideal, que bastas vezes se alcança, é a prevalência
não só da quantidade dos elementos comparativos, mas tam-
bém da qualidade dos mesmos.

A 2.^a comparação é superior à 1.^a porque, em regra geral, é seguro indício de parentesco próximo, como se deduz da comparação, p. ex., entre o português e o espanhol: *Filho* = *hijo*, *filha* = *hija* (gênero); *olhos* = *ojos*; *orelhas* = *orejas* (gênero e número); *am-o* = *am-o*, *am-a-s* = *am-a-s*, *am-a-va-mos* = *am-á-ba-mos*, *am-a-ram* = *am-a-ron*, *am-ar-ei* = *am-ar-é*, *am-ar-íeis* = *am-ar-íais* (conjugação), e assim por diante.

Mas também não se pense que seja de pouco valor a comparação de simples radicais, porque os vocábulo neste caso se explicam por sua história peculiar, por evoluções diferentes. Assim os exemplos que se apresentam, apenas cotejos temáticos, e no entanto ninguém nega o parentesco próximo que existe entre estas línguas: *Port. flor-es* = *italiano fior-i*; *port. cava-los* = *francês cheva-ux*; *alemão büch-er* = *inglês book-s*, *al. ge-tan*, *mãd-chen* = *ingl. done, maid*, etc.

Em qualquer caso, a semântica deve estar aliada a todos os elementos comparativos, sem o que as correspondências seriam defeituosas, falhas.

Mas deve-se lançar a vista igualmente para certos elementos lexicais, indispensáveis na apuração de estreito parentesco: e são: os pronomes pessoais, os possessivos, demonstrativos e os numerais. Estes elementos lexicais são vocábulos que se não podem dispensar no uso cotidiano, e são de tal natureza imprescindíveis aos indivíduos, que se poderiam chamar "elementos personalíssimos", principalmente os três primeiros.

Quando há misturas de idiomas, quando um povo muda de língua, quando uma língua influe noutra, rarissimamente são substituídos ou perdidos aqueles elementos. Exemplo fraterno seja o inglês, riquíssimo de elementos alienígenas, e entretanto são puramente germânicos, evolutivamente germânicos os pronomes, os numerais, as partículas. O português sempre conservou historicamente os elementos latinos desses vocábulos, apesar das principais intrusões no seu léxico, do germânico, do arábico, sem falar dos também grandes influências grego, francês, espanhol, etc.

E' primordialmente por esse meio que numerosos glotólogos têm provado a afinidade não só entre línguas diferentes, como também entre grupos ou sub-grupos igualmente diferentes. E' foi assim que o genial prof. Alfredo Trombetti demonstrou, pela primeira vez, que todas as línguas indígenas americanas têm origem comum, primeiramente pelo exame dos pronomes pessoais e em seguida pelos numerais. Aqueles possuem por base *n*. para a 1.^a pessoa, e *m*. para a 2.^a, e isto desdobra-se em regiões mais setentrionais da América até à Terra do Fogo.

Se, como pode acontecer, p. ex., no tupi se tem *xé, i-xé, xau, a-*, prefixo verbal da 1.^a pessoa do singular, não quer dizer que o princípio esteja, pelo menos em parte, derruído, não, pois a 1.^a pessoa *n*. abrange também o plural, donde — *ia-né, iandé, "nós"*. Se ainda não houver correspondência, procure-se os possessivos (cf. *ia-né, ia-andé, "nosso, a"*).

Mas ao tupi *ndé, ne, indé, iné, "tu, teu, tua, pé, penhé, vos, vosso, a"* não corresponde o *m*. da 2.^a pessoa conforme Trombetti. Porém mesmo diante desta falha, não fica abalada a doutrina. A história ou a origem dos pronomes pessoais está nos demonstrativos (de onde também os advérbios de lugar): "Os pronomes demonstrativos, diz Jorge Bertolaso Stella, derivam de vozes demonstrativas. Tal origem aparece evidentemente sobretudo nos pronomes de terceira, menos nos de segunda, menos ainda nos de primeira pessoa". Donde o tupi *mi-mi* ou *mi-mé, "al, ali"*, *oi-me, idem, mó, idem = m*. da 2.^a pessoa, que primitivamente significava "esse, aí (que fala, que escuta, que vê)", e em que se entrevê o gesto então muito comum. Assim também se cotejam *xé, i-xé, "eu" = tupi i-ké, aquí* (formas intermediárias hipotéticas *i-k'e, i-kdje, i-kche, i-tche*; cf. *chiriguano téhé, "eu"*) = tupi *a-ké-i* "este, esta, isto". *Pé, pé-nhé, aquí* (está), *ko-aé, ku-aá, ku-á, "este, esta, isto"*. *Pé, pé-nhé, vós* = tupi *a-pe, ae-pe, "ai, lá, aí-po, "este, esse"*.

Em alguns casos, diz o prof. Bertolaso Stella, parece que a consoante característica tenha desaparecido, assim, por exemplo, o goaquirá *ta-ya, "eu"* está provavelmente por *ni-ta-ya*, cfr. *baure ni-ti-ye*, e o arawak *da-i* está por *n-da-i*. Anu-*zgo doo, "nós"* (*do, "eu"*) = mixteco *n-doo, "sem. O miwok possui -t "meu", -t ou -te, "eu, me"*, ao lado de *-n-ti, "eu"*, *-meu'*. Em modo semelhante podem-se explicar muitas outras formas excepcionais.

E' comum a pluralidade de temas, com ou sem afinidades entre si, com e sem diferença de função. Assim, tupi *oré, "nós"* (exclusivo) e *iaandé, "nós"* (inclusivo), e estes mesmos pronomes, como prefixos verbais, são *oro-, re-, ia-*. No latim: *ego* e *me; -o*, sufixo verbal da 1.^a pessoa do singular (*am-o*); no plural *nos*, etc.

Vamos agora ratificar a asserção do prof. Trombetti, examinando os pronomes de algumas línguas indígenas, principalmente do Brasil: **Primeira pessoa:** Caingangue (grupo *gê ou urá*): *na, nã, in, in-he, u-in, "eu"*; *en, ein, nós*. Botocudo: *inubum* (grupo *gê ou crã*): *nhi-k, "eu"*. Merrime (gr. *gê*): *inho, ion, "meu, minha"*. Botocudo de Minas (gr. *gê: nha-mm, "eu"*. Caiapó (gr. *gê*): *no, -noia, "nosso"*, *i-no, "meu"*. Guaná ou chane (gr. *arawak*): *on-dí, "eu"*, *un-tí, "nós"*, *in-du-gué,*

se conhecem e bem todos os idiomas americanos, porém mesmo assim haverá problemas, porquanto há numerosos que estão desaparecidos, completamente extintos.

Foi nesse intuito que resolvemos fazer investigações entre dois importantes grupos — o Bororo e o Gé ou Crá, de que conseguimos estabelecer um nexo entre o bororo-orarimugua-dóge e o merrime, caiapó, etc.

O grupo bororo compreende, segundo Rivet, 8 línguas: 1.º bororo-orarimugudoge; 2.º otuke; 3.º kovereka; 4.º kurminaka; 5.º korabeka; 6.º kurave; 7.º kurukaneka; 8.º tapii.

Destas, a única sobrevivente é, segundo Trombetti, a primeira, também chamada dos Coroados. Estes indígenas "que ocupam no centro de Mato-Grosso, o alto Paraguai e seus afluentes, o Jaurú e o Cabaçal, o curso do S. Lourenço atingindo ao norte o rio das Mortes, habitam também as duas margens do Araguaia e possuem uma colônia no rio das Velhas" (J. Bertolaso Stella).

Os gê setentrionais são indígenas do Estado do Maranhão, subdivididos em Timbiras da floresta e Timbiras da planície ou Canelas finas. Destes, também denominados Timbiras dos campos, fazem parte os Merrimes. Os Caiapós são compreendidos na subdivisão dos gês centrais (Brasil central, etc.).

Começemos as comparações com os pronomes pessoais. Usaremos a abreviatura B. para bororo, M. para merrime e C. para caiapó, e aqui não fazemos distinção entre o caiapó do Brasil central e as outras modalidades (caiapó do Tocantins, do Paraná, etc.).

- B. i, "eu, me de mim" = M. i. "eu, me, a mim".
- B. a, "tu" = M. á, "tu".
- B. ak, ak, i, "tu" = M. ak. ú, "ele, ela".
- B. pagui, "nós" = M. pago. na, "nós".
- B. tagui, "vós", etai, "thes, para eles, para elas" = M. itá. ié, "vós".

O plural do B. ema, "ele, ela" é ema+gui = M. pa, "eu" + go. na = pagona, "nós".

- B. pa. gui, "nós" = M. pá, "eu" (forma absoluta).
- B. ta. gui, "vós" = M. ta, "tu" (forma absoluta).
- B. a. ká, "tu" = M. gá. ká, "tu".
- B. u. o, "seu, sua, dele, dela" = M. ak. u, k. u. ú, "ele, ela".

"meu". Bauré (gr. arawak): ni, "meu", in. txi, ni, "meu". Parecí ou ariti (gr. arawak): nó, na. tñ, "eu", na, "nós". Bororo (gr. bororo): i. no, "meu, minha". Caxinauá (gr. pano) i, æ, ô. á, ô. á. nã, "eu", nu, nu. ku, "nós". Itonama (gr. itona ma): oh. on, "eu", oho. ní, "meu". Makká (gr. enimaga): na. w, "nós". Quiniquinau (gr. arawak): ni. o, "meu". Tatú-tapiia (gr. tucano): die. nhã, "eu". Dessana (gr. tucano) ma. ny, "nós". Ujiké-tapiia-cobeua (gr. tucano): na. ta. ni, "nós". Crichaná (gr. caribico): ka. na. ne. ki. ne, "nós". Ipurú-cotó (gr. caribico): ka. na. ne. ké, "nós". Macuchi (gr. caribico): a. ná, "nós". Chiquitano (gr. chiquito): ai. n, "eu". Juruna (gr. tupi-guaraní): u. na, "eu". Aruaco (gr. arawak) i. ne, "eu". Quíchua (gr. aimará): no. ka, "eu" Aimará-na "eu".

2.ª pessoa: Caingangue: a. ma, "tu". Macuchí-a. me. ré, "tu, teu". Caxinauá: mi, "tu", mã, "vós". Uanana (gr. tuca. no): mee, mé, mi, "tu", me. tã, "vós". Tatú-tapiia: m, ma, "tu", ma. má, "vós". Urubú-tapiia (gr. tucano): me, me. ó, "tu", uim, "vós". Patzoca (gr. tucano): me. n, me. n, "tu", me. á, "vós". Crichaná: -em, "tu". Ipurucotó-im, "tu", a. me. ré, "teu". Caiapó: a. mu. ra, "vós". Guentusé (gr. eni maga): ta. ka. mee, "vós". Quiniquinau + a. nha. mi, "tu". Chiquitano: ae. mo, "tu". Galibí (gr. caribico): a. mo. ro, "tu". Palmela (gr. caribico): ho. mo, "tu". Juruna: i. m. o, "teu". Para mais amplas comparações, ver Jorge Bertolaso Stella "As Línguas Indígenas da América", S. Paulo, 1929.

Reina ainda singular confusão na classificação das línguas da América meridional. E há muitíssimos idiomas ainda desconhecidos, outros mui pouco estudados e mesmo pouco conhecidos, e por fim há os de difícil posição linguística. Não é de admirar que isto suceda no Sul, pois as línguas da América setentrional, em 26 grupos apenas (classificação de P. Rivet), no geral muito mais bem estudadas, entre elas, todavia, há que são completamente desconhecidas, no dizer de A. L. Kroeber, referindo-se à família uto-azteca ("Uto-Aztecan Languages of Mexico", Berkeley, 1934, p. 6).

Não obstante, deve-se trabalhar também no sentido de unificar ou pelo menos estreitar quanto mais possível, não só os idiomas do mesmo grupo, mas também os grupos diferentes, embora já se saiba que eles têm origem comum. O serviço então será de confirmação, ratificação, e de registro do maior número e da melhor qualidade de fatos linguísticos. E' verdade que esse árduo mister se tornará mais rápido quando

- B. a-i, dg-i, "para ele, ela, o, a, lhe, ele, ela" = M. hi, "seu".
 Pronomes possessivos e adjetivos possessivos:
 B. ino, "meu, minha" = M. inho, inhô, iô, "meu, minha" = C. ino, "meu, minha".
 B. a-ko, "teu, tua" = M. gô, "teu, tua". A respeito desta nasal, talvez assim se explique: M. go-n, inho-n, paio-n = M. pago-na.
 B. pago, "nosso, nossa" = M. paiô, "nosso, nossa".
 B. ena, "ele, ela" = C. ama, amu, ta-mu-a, ele, ela".
 B. eno, "seu, sua" = C. ano, "seu, sua teu, tua".
 B. tchi-reu-da, ro-dda, ku-riru-da são sufixos de feminino = M. lêra, proveniente de re-ra, sufixo de feminino. Cf. C. u-rê, uru-ô, u-ru-ê, ru-re: Mut, "sol"; mut-rure, "tua".

Comparações lexicais:

- B. méru, merú-o, "caminhar, andar, caçar" = M. perú (de m-beru), plü, "caminho" = Caing. em-prü, "caminho".
 B. kábi, "lavar" = M. kapo-n, "limpar" = Caing. kupé, kupé-ia, "lavar".
 B. marêú, mirêú, "aí, ali, eis este, eis aqui, eis aí" = M. malai, mali, mulaf. "lá".
 B. kirimi, "voltar, regressar" = M. kramô, krama-mu, "ir embora".
 B. gorí-ddo, "assar" = M. khore, khoro, "assar", cozinhar".
 B. a-gô, ma-ga, ma-go, ma-go-go, "falar, dizer" = M. ga-kô-k, ga-kô-go, mal-ka-kô, idem.
 B. akkere, "respirar, ofegar" = M. akiere, "bocejar" iy-akoro, "respirar", pu-kare, "tossir, respirar" = C. kari, "tossir".
 B. ame-ma, "lagarto" = M. am(o)-kô, idem.
 B. kámo, "estaleiro para assar peixe" = M. hama-khoro, "cozinhar".
 B. kua-mo, "cachimbo" = M. kôá, idem.
 B. kudo, "cume" = M. i-kaud (de i-kadu), i-kódi, "alto".

- B. kuie, "flexa para peixe" = M. kuhê, "arco".
 B. e-kimo, "viver ainda" = M. komo-, "viver".
 B. e-rêdo, "derramar" = M. ratsú, ratchú, idem.
 B. djiri, "amargo" = M. tsuari-t, "azedo".
 B. i-to, "dente" = M. ti-ua, idem.
 B. itú-e, "irmã mais velha" = M. itô-i-n, "irmã".
 B. rakapo, "ser cortante" = M. rrakép, hakép, "cortar".
 B. boorêu, "barata" = M. i-póre, idem = Craô i-poifé, idem.
 B. ka-ga, "gavião" = M. kê, idem, kul-kô, "gavião vermelho".
 B. kô, kô, "feder" = M. ku-tsod, ku-tchôd, idem.
 B. ôgu-a, "lábio" = M. akó, idem.
 B. djurêu (de kyureu), "mandioca" = M. kôro, idem = C. kuêre, idem.
 B. djukoe (de kyukoe), "macaco" = M. kukôi, kuku-re, idem.
 B. nogui, "unha" = M. nhukô-p, idem = C. nikô-p. . .
 B. koráo, "papagaio" = M. kure-ti, idem.
 B. o-toetá, "acender" = M. tógtó, idem.
 B. remo, "entrar" = M. romi, rumo-n, "vir, transformar-se, virar".
 B. touu-do, "voar" = M. i-to-re, idem = C. to, idem.
 B. bure, buri, "pé" = M. pare, pari, "pé" = Apinagé bare, idem.
 B. me-do, "homem", plural i-me = M. mé, mé, "gente" = C. mê-o.
 B. kuddu, kúdu, "farinha" = M. -tchô (de -kyo), idem = Akroá-mirim kuüt, idem.
 B. mako, maku, "dar" = M. -mágô, idem.
 B. tchoreu, tchereu, "preto" = M. tu-kure. A forma bororo provem de kyoreu.
 B. -gaddo, "branco" = M. a-kad, akat(o), idem.
 B. a-huago, a-uago, provavelm. de a-kuago, "cobra" = M. kago-n, idem.

Comparações entre o Bororo e o Caiapó:

- B. **tu**, "estragar, arruinar" = C. **tú**, "cair".
 B. **bi**, "morrer" = C. **ku-bi**, "matar".
 B. **kare**, **kare-ga**, "não" = C. **kuari-ke**, "não, kati, ket, idem".
 B. **ataro**, "espuma" = C. **attörö**, "orvalho".
 B. **paga**, **pägö**, "regato" = C. **pak-reti**, idem.
 B. **uh**, "sim" = C. **u-ã**?, "sim" (dito pelas mulheres).
 B. **karö**, "peixe" = C. **lkarö-ro**, "mandi" (peixe).
 B. **parú**, "princípio, começo" = C. **pru-ro**, cedo" (adv.) = Caingangue **prú-ru**, "frente".
 B. **pôro**, **pôro**, "furo, buraco" = C. **pori**. (em porijua), "buraco da orelha".
 B. **meare**, "folha de tabaco" = C. **merô**, "cinza".
 B. **tché**, "queimar" = C. **tche-re**, idem.
 B. **riru**, "pau para acender fogo" = C. **rörö**, idem.
 B. **bóe**, "selvagem; mundo; natureza", **boé-to**, "mato" = C. **boó**, **bô**, **bâe**, "mato, floresta".
 B. **itô-ri**, "perna" = C. **itê**, idem = Apinagé **itê-i**.
 B. **mei-au**, **mi-au**, "mel" = C. **me-d**, idem.
 B. **ê-pe**, **pê**, "escremento", **pea-góddo**, "crepitus ventris emittere" = C. **bai-pê**, "gazes intestinais".

Eis aí esboçada a conexão linguística entre os dois grupos — o bororo e o gê. Das comparações acima, estamos convicto, bem poucas serão abandonadas mediante contraprovas. Quanto aos numerals, é verdade que ao bororo **míto**, **um**, **pôbe**, "dois", não correspondem o merrime **pütít**, **puti**, **büti**, "um", **ibiaklüte**, **iakritü**, "dois, pois que pode acontecer, como no grupo indo-europeu, que haja "diversas representações materiais a servir de ponto de partida para a concepção abstrata de "um" (K. Brugmann). Assim é que, ao polaco **jeden**, "um", igual ao alemão **jeder**, "cada um", não corresponde o latim **unus**, o alemão **ein** (indo-europeu **oi-no-s**), nem o sânscrito **eka**, etc. Igualmente sucede com os demonstrativos e as particulas em geral.

É muito certo que se estendéssemos o campo das comparações, principalmente com as línguas do grupo gê, teríamos elementos que satisfariam não só os numerals, os demonstra-

tivos, más também a morfologia e a sintaxe em geral. Porém só os estudos posteriores poderão confirmar o liame que ora apresentamos à consideração dos americanistas.

*
 *

CORRESPONDÊNCIAS ENTRE LÍNGUAS DE OUTROS GRUPOS AMERICANOS

Vejamos agora diversas correspondências com línguas de grupos diferentes, de que estudos posteriores, aprofundados e orientados pelos recentes métodos estabelecidos por M. Bártoli, poderão satisfatoriamente produzir outras conexões e, com isto, trazer novas luzes para os problemas glotológicos não só americanos, senão também universais.

Abreviam-se as denominações, assim: **atc.** = auiá-tapiia-cobéua (língua do grupo tucano ou betóia — Rio Negro e afluentes; Rio Caiary ou Uaupés); **azê.** = anonzê (do grupo nambiquara — Alto Jurueña, Roosevelt e Alto Guaporé); **apg.** = apinagé (grupo gê ou crã — Tocantins e Araguaia); **bot.** = botocudo (grupo gê ou crã — botocudo ou crenaque do Rio Doce; confins de Minas e proximidades do Espírito-Santo); **c.** = caiapó; **cax.** = caxinaú (grupo pano — Rio Ibaucú, afluente do Murú; bacia do Jurú); **eng.** = caingange (grupo gê ou crã — Argentina e Brasil — parte ocidental do Rio Gr. do Sul, Sta. Catarina, Paraná, S. Paulo, etc.); **crich.** = crichaná (grupo caribe ou caraíba — Goianas, Venezuela, Brasil); **dess.** = dessana (grupo tucano ou betóia); **gr.** = guarani (grupo tupi-guarani); **gua.** = gualanã (segundo uns, do grupo tupi; segundo outros, do grupo gê); **ipur.** = ipurucotó (grupo caribe); **kir.** = quiriri, (gr. kiriri ou cariri — Baía, Pernambuco, Piauí e Ceará); **mac.** = macuchí (gr. caribe); **md.** = mundurucú (grupo tupi-guarani); **namb.** = nambiquara (gr. nambiquara); **par.** = parecí (grupo arawak ou nu-aruaq — sul da Florida, norte do Paraguai, costas do Pacífico, foz do Amazonas); **patz.** = patzoca ou iuruti-tapiia (gr. tucano); **ptap.** = pirátapiia (gr. tucano); **t.** = tupí (gr. tupi-guarani); **toc.** = tocana (gr. tucano); **ttap.** = tatú-tapiia (gr. tucano); **uan.** = uahana (gr. tucano); **uik** = uiquicé (gr. tucano); **utap.** = urubú-tapiia (gr. tucano); **carn.** = carnijó (segundo R. Garcia, os Carnijós são o último rebento dos Cariris; C. Estêvão de Oliveira, contudo, inclina-se a prendê-los aos gês); **m.** = merrime (gr. gê).

COMPARAÇÕES LEXICAIS :

- T. yg.y, água = ipur. ehy.
 T. ta-pekú, abanar = ipur. i-poka-ky, idem = cax. boka.té, abano.
 T. u-atá, andar = mac. até-pi, ir; uter, andar = C. ite, perna.
 T. tamo-ia, avô = ipur. i-tamó, avós.
 T. kary-ba, homem branco = crich. karai, rapaz, karai. uá, homem branco = carn. klaif, idem = cax. kari-wa, brasileiro.
 T. ienó, ienú, deitar-se = mac. a-iená, idem = C. no, nhó, estar sentado = cng. na, deitar-se.
 T. kumandá, feijão = mac. kumassá = crich. kamassá.ry = par. kumatá.
 T. tá-tá, fogo = crich. ua-tó = carn. tô-ê.
 T. pará, mar = mac. perá. poço, fonte = C. parí, rio = utap. payria, rio grande.
 T. a-kauá, varied. de gavião = mac. kuanó, gavião.
 T. i-kaba, i-kaua, gordo = mac. kaiuá, idem = bororo ká, sebo.
 T. amana. chuva = crich. amuná, aimoná, molhado, úmido = uan. má, ribeira.
 T. kaieté, koatá, macaco = mac. koaté = ipur. koaty, idem.
 T. mená, marido = C. me'o, meo, gente = m. mé, mé, idem = mac. manu-m, menina = ptap. he-meno, homem = patz. mané-, marido.
 T. arakiá, nuvem = crich. arika-riká, idem.
 T. pire-ra, pele = crich. pi-peré = ipur. pi-pery-be, idem.
 T. mirim, miri, pequeno = mac. miri-ky, idem.
 T. marakaná. varied. de papagaio = ipur. marakoná, periquito = crich. maraká.
 T. ruai-a, rabo = crich. ere-má = guajajara (gr. tupi-guar.) rai, idem.
 T. i-peba, chato = crich. a-paby, raso.
 T. ui-tabo, nadar = crich. a-tauá, remar.

- T. mú, irmão = crich. u-mu.ru, sobrinho = mac. u-mú, sobrinho = utap. u-mú, irmão.
 T. iacy, lua = crich. uci.hu, sol = mac. uei, sol.
 T. tyaiá, suor = ipur. tuai-huei, idem.
 T. iurará, tartaruga = crich. uarará, idem.
 T. am o,amu, outro = c. om-, outro = cng. um, idem.
 T. iatuka, curto = uan. ia-uatoka, idem.
 T. yara, senhor = uan. yairo, pagé.
 T. putiá, peito (do homem) = uan. putiá, queixo = crich. ru-potó, peito = cax. pôti, costas; puté, ombro.
 T. pari, torto = uan. pari-uái, idem.
 T. uê-uê, voar = uan. ú-na, idem = toc. ue-uê-na, abano.
 T. itá, pedra = utap. eta-ên, idem = patz. ita-, eta-m-, idem = ptap. etá-ga, idem.
 T. mará, brigar = utap. u-amerin-ké, idem = kir. mará, idem; mari-dzá, guerrear.
 T. irumo, junto, com = dess. irime-na, idem.
 T. s-acy, dor, doer = cax. ici, idem = m. itsi-t, ferida; tsô, atsó, doer = par. aici.
 T. a-kará, acará, peixe = bororo karô, peixe = azé. a-kurl-zé, piáu.
 T. cy, mãe = carn. icia, idem.
 T. iuká, matar = carn. eúkia, idem.
 T. pitu-na, noite = carn. fité-ia, idem.
 T. pügá, rede de pescar = carn. foxuá, rede.
 T. manú, morrer = cax. maina, idem = toc. menea, morrer.
 T. takara, rã = toc. taroké, sapo.
 T. iumana, abraçar = uan. uaman, idem.
 T. a-u-atá, andar = uan. uagui-dá, idem.
 T. kupi, kupi-re, limpar = cng. kupé, lavar = bororo kábi lavar = m. kapô, limpar.
 T. kunhá, mulher = crich. ua-kuné, idem.
 T. iapara, foice = bororo djapara, idem.
 T. takuara, taquara = bor. takorêu, cana.
 T. mbarakaiá, maracajá = bor. borokala, gato do mato.
 T. iké, entrar = cax. hiki, idem = namb. ia-iki-ní, chegar.

Cax. manã-u-di, acima = crich. u-mene-né, idem.
 Carn. i-ito, avô = crich. ia-hotó, avós = par. a-tiú-tú, avô:
 Crich. a-keré, onça, cão = md. kerí-tjé, idem.
 Cax. mateí, frio = ipur. iko-mitegá, idem.
 Cax. paka, flecha = ipur. poká, flechar.
 Cax. pöna, manhã = mac. pena-né, idem.
 Cax. paki"-ki, orelha = crich. tu-paiky, idem = carn. txi-faké, idem.
 Cx. aki, beber = m. a-ikó, idem.
 Cax. bó, cabelo = bor. bu. idem.
 Cax. bata, doce = bor. betu, bétú, idem.
 Cax. paki, úmido = bor. pága, regato.
 Cax. ðuka, macaco = bor. jukoe.
 Cng. uan, taquara = namb. uano-zé, idem.
 Bor. kannu, braço = par. kano, idem.
 Cax. bati, ovo = bor. bá, idem.
 Cax. kápó, sapo = bot. kaóp idem.
 Gr. michí milkí, pequeno = bot. meke-, id. = t. megoé, pouco = bor. migo, pequeno.
 Gr. kyty, passar a ferro = crich. keté, tesoura = c. kotu-, faca.

DEMONSTRATIVOS E NUMERAIS :

Cax. unó, lá = ipur. uai-ené, aquela.
 Cx. tóri, lá = mac. taré, aqui = uan. tiro, êle, toi-tá, lá.
 Bor. áko, teu = par. akó, eis aí.
 Gr. pete-in, um = carn. fatu-á, um. = m. püti, puti, um = cax. bét-ça, um = guanã ou chane (gr. arawak) poichá-cho poit-, um = bot. potchick, um = c. c. puti-re, pudi, um.
 Cax. mã, ma-fô, vós, vosso = cng. a-má, idem.
 Cax. nõ-nó, aqui = c. nhi-ai, aqui.
 Bor. kinó-i, sózinho = uan. kino, um.
 Xerente (gr. gé) shimi-shi, siumi-cé, um = chicriabá (gr. gé) heme-ro, um = chavante do Tocantins simi-si, um = cax. hamó-bi, só.

Pederíamos dar ainda numerosísimos outros exemplares, mas bastem estes para mostrar que são muito possíveis as formações de novos nexos entre os grupos linguísticos não só da América do Sul senão ainda da América Central e do Norte.

BIBLIOGRAFIA :

S. Froes de Abreu, VOCABULÁRIO DOS ÍNDIOS CRE-
 NAQUES (BOTOCUDOS DO RIO DOCE EM 1926),
 "in" "Rev. do Museu Paulista", t. XVI, S. Paulo, 1929.
 J. Capistrano de Abreu, RÁ-TXA HULN-KULIN — A
 LÍNGUA DOS CAXINAUÁS, Rio, 1914.
 M. Melo, OS BOTOCUDOS DO RIO DOCE "in" "Eu Sei
 Tudo", n. 11, Rio, abril de 1927.
 E. Stradelli, PEQUENOS VOCABULÁRIOS DO GRUPO
 DE LÍNGUAS TOCANAS — CONTRIBUIÇÃO
 PARA O ESTUDO DAS LÍNGUAS INDÍGENAS,
 extr. do t. XV do Relatório Geral — 3.ª Reunião do
 Congr. Científ. Lat. Amer., Rio 6 a 16 de ag. de
 1905.
 M. Melo, OS INDÍGENAS CARNIJOÉS DE ÁGUAS BE-
 LAS "in" "Rev. do Museu Paul.", t. XVI, 1929.
 Frei M. Barcatta de Val Florianu, VOCABULÁRIOS
 PORT. — CAINGANGUE e CAING. — PORT.,
 "Rev. do Museu Paul.", t. XII, 1920.
 J. Barbosa Rodrigues, PACIFICAÇÃO DOS CRICHA-
 NÁS (RIO JAUAPERY), Rio 1885.
 Pe. A. Maria Sala, O. P., ENSAIO DE GRAMÁTICA
 CAIAPÓ, "Rev. do Museu Paul.", t. XII, 1920.
 T. Sampaio, OS CRAÓS DO RIO PRETO NO ESTADO
 DA BAIÁ, "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.",
 parte I, t. LXXV — 1912-1913.
 Missão Salesiana, ELEMENTOS DE GRAMÁTICA, E
 DICIONÁRIO DA LÍNGUA DOS BOROROS-COROA-
 DOS DE MATO-CROSSO, Cuiabá, 1908.
 B. de Magalhães, VOCABULÁRIO DA LÍNGUA DOS
 BOROROS-COROADOS DO ESTADO DE MATO-
 GROSSO, "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", t.
 83, Rio, 1919.

- S. Froes Abreu, A LÍNGUA DOS CANELAS "in" NA TERRA DAS PALMEIRAS, Rio, 1931.
- Pe. L. Vincencio Mamiani, ARTE DE GRAMÁTICA DA LÍNGUA BRASÍLICA DA NAÇÃO KIRIRÍ, 2.ª ed., Rio, 1877.
- P. Ayrosa, DICIONÁRIO PORTUGUÊS-BRASILIANO E BRASILIANO-PORTUGUÊS, S. Paulo, 1934.
- J. Bertolaso Stella, AS LÍNGUAS INDÍGENAS DA AMÉRICA, sep. da "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São Paulo", v. XXVI — 1928 — S. Paulo, 1929.
- E. Stradelli, VOCABULÁRIOS DA LÍNGUA GERAL PORTUGUÊS-NHEENGATÚ E NHEENGATÚ-PORTUGUÊS, Rio, 1929.
- M. Bártoli, ANCORA DELLE ORIGINI DEI LINGUAGGI PRECOLOMBIANI ALLA LUCE DELLE NORME SPAZIALI, "in" Mélanges de Linguistique et de Philologie offerts a Jacq. van Ginneken", Paris, 1937.
- T. Pompeu Sobrinho, MERRIME — ÍNDIOS CANELAS — ETNOGRAFIA, GRAMÁTICA E VOCABULARIO, Fortaleza, 1930.
- V. de Taunay, ENTRE OS NOSSOS ÍNDIOS, S. Paulo. Rio-Cayeiras, s/d.
- T. Borba, ATUALIDADE INDÍGENA, Curitiba, 1908.
- E. Roquette-Pinto, RONDÔNIA, 3.ª ed., S. Paulo, 1935.
- M. Schmidt, LOS CHIRIGUANOS E IZOZÓS "in" "Rev. de la Soc. Cient. del Paraguay", t. IV, n. 3, Assunción, abril, 1938.



ANTÔNIO REBOUÇAS

OSVALDO PILOTTO

Chegava, a 20 de fevereiro de 1846, ao porto do Rio de Janeiro, o paquete S. Salvador.

Dele desembarcou, com a família, Antônio Pereira de Rebouças, fisionomia grave de homem de bem afeito às lides da justiça. Alma plena de "patriótico heroísmo" pelo bem da sua terra, a Baía, dentro do Brasil que se formava.

Guardaram, por certo, para sempre, a emoção dessa viagem, os dois meninos, seus filhos, André, o mais velho, de oito anos e o segundo, Antônio, nascido em Cachoeira a 13 de junho de 1839.

Nessa idade de meninice as impressões se gravam indelévelmente no espírito e a educação do homem cria porte pelo exemplo do lar. O amor materno dá diretriz ao coração e a personalidade do pai, de honradez e energia, fixa o rumo de vida ao futuro cidadão.

Aqueles dois meninos sabiam que o seu pai emigrara da Baía desgostoso dos costumes políticos que lhe valeram inimigos, dada a atitude sempre clara do seu proceder.

E' André Rebouças quem o diz: "meu bom Pai combatia sósinho, na Baía, os traficantes de escravos, os piratas classificados pela lei de 7 de novembro de 1831 e os fabricantes de moeda falsa de cobre vulgarmente chamada chan-chan..." "O partido revolucionário, republicano, federalista e separatista odiava Antônio Pereira de Rebouças pela dedicação à unidade do Império efetivamente comprovada em 1837 e 1838 pela sua enérgica reação contra a república do assassino Sabino".

André e Antônio tiveram por pai esse homem. D.ª Carolina Pinto de Rebouças, a extrema mãe.

E eles tiveram essa educação que faz feliz o homem pelo coração e pelo espírito.